

# Resultado das urnas obrigará o Governo a negociar com Oposição

RODOLFO FERNANDES

BRASÍLIA — O eleitor fez picadinho do mapa político brasileiro e agora ninguém vai conseguir montá-lo sozinho. O Presidente Collor, o PMDB e o Governador eleito Leonel Brizola ficaram com um pedaço desse mapa mas não têm força para impor decisões isoladas. Este é a principal análise feita pelos políticos da eleição de ontem, que derrotou vários candidatos governistas mas não criou nenhuma força hegemônica no cenário político.

— Agora, ou levamos a sério essa democracia e sentamos e conversamos, ou o País não anda — diz o Deputado Antonio Brito (PMDB-RS).

Entre vitoriosos e derrotados, só escapou, um pouco capenga depois de tantos votos nulos e brancos, o Congresso Nacional, que por definição é o palco onde se resolvem os problemas numa democracia.

— Agora, tudo ficou mais difícil para o Presidente Collor — constata o Líder Amaral Neto (PDS-RJ).

Desde 1964, o País não vive — como viverá agora na avaliação dos políticos — um período sem o domínio de uma só força. A hegemonia militar durante 20 anos, seguiu-se a peemedebista na Nova República — períodos em que no Congresso não havia oposição, só Governo.

— O equilíbrio agora é muito bom e o jogo político será fascinante: há um Presidente da República forte e uma oposição claramente delimita-



31-10-90  
Brito: "Negociação ou impasse"

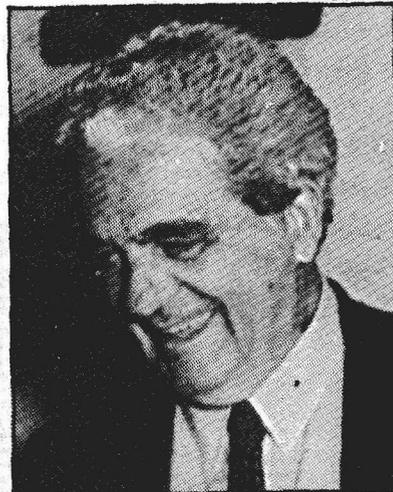
da. Ou negociamos ou vamos para o impasse — aponta Brito.

Ao evitar que o monopólio político ficasse concentrado nas mãos de Collor, o eleitor fez ver ao Governo a necessidade de negociar mais claramente com o Congresso.

— O Presidente precisa, mais do que nunca, conversar dentro do Congresso. Collor não pode mais fazer política de governadores e através deles comandar o Legislativo. A coisa complica muito mais — avalia Amaral.

No seu entender, a vitória de Maluf mudaria este quadro.

— Se Maluf virar, Collor está sal-



22-02-90  
Amaral: "Mais difícil para Collor"

vo. São Paulo é São Paulo — diz Amaral.

Na sua avaliação, a vitória de Maluf dobraria a representação do PDS no Congresso;

— A vitória do Quércia faz as dificuldades serem muito maiores para o Presidente.

Nos principais Estados, os candidatos do Planalto, sem exceção, foram derrotados. A única vitória a ser contabilizada pelo é a de José Agripino Maia no Rio Grande do Norte — mesmo assim ele é o senador que no último esforço concentrado do Congresso levou a Brasília uma equipe de TV para filmar seu

voto contra Collor. No mais, o mapa político encurralou o Presidente da República no Nordeste, "os grotões", como dizia Tancredo Neves.

— A ligação do Presidente foi fatal para seus candidatos — diz Brito.

Além do Líder do Governo, José Ignácio — que levará do Espírito Santo o título de maior derrotado da eleição, segundo o Ibope — perderam Nelson Marchezan (RS), José Carlos Martinez (PR) e Helio Costa (MG). Num momento em que aplica uma política econômica recessiva, com resultados que sua equipe prevê só para meados do ano que vem, o Presidente perde bases de apoio em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo. Contabilizado o resultado do primeiro turno, em que já fora derrotado no Rio de Janeiro, o apoio de Collor no Sul e Sudeste resume-se a Santa Catarina, onde foi eleito Wilson Klei-ning, do PDS.

— É uma situação extremamente difícil, de onde só sairá conversando — diz Amaral.

— Vamos viver a fase mais interessante da política brasileira nos últimos anos. O eleitor teve grande competência. O Presidente não terá força para impor isoladamente sua política; as outras forças também não terão poder de lhe impor nada. Quem faria isso? O Brizola? Nós do PMDB? A partir de hoje, a reunião das 9 horas no Palácio do Planalto está esvaziada. O que conta mesmo é a reunião dos líderes, à tarde, no Congresso — prevê Brito.